

SÉRIE AGRONEGÓCIOS DO SUL

CADEIA DA CARNE BOVINA



AUTORES:
CAMILA SOARES CARDOSO
CAUÊ DUARTE ESCOUTO
WILLIAN SODRÉ LEAL
MARCELO FERNANDES PACHECO DIAS

Autores:

Camila Soares Cardoso, acadêmica do curso de agronomia, bolsista de iniciação científica.

Email: camilascardoso@outlook.com

Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Cauê Duarte Escouto, acadêmico do curso de agronomia.

Email: caueduarte12@gmail.com

Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Willian Sodré Leal, acadêmico do curso de administração, bolsista de iniciação científica.

Email: wsleal@outlook.com

Faculdade de Administração e Turismo – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Eng. Agr. Professor, Doutor, Marcelo Fernandes Pacheco Dias,
Professor Adjunto Departamento de Administração.

Email: mfpdias@hotmail.com

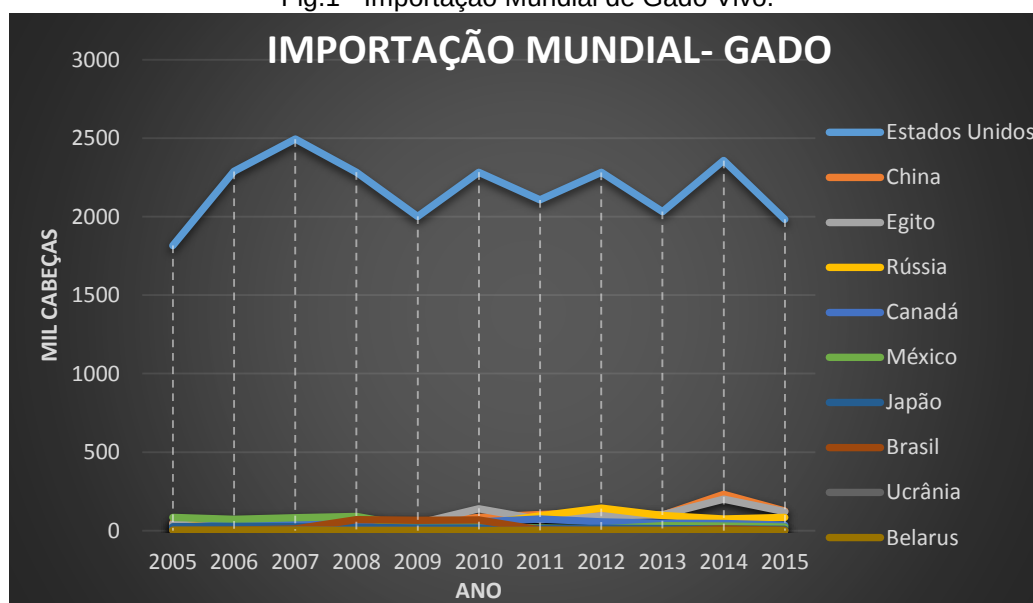
Faculdade de Administração e Turismo – Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

A CADEIA DA CARNE BOVINA

MERCADO INTERNACIONAL DA CARNE BOVINA

O crescimento populacional e o desenvolvimento econômico, principalmente dos países asiáticos, tem propiciado um maior consumo de alimentos. Segundo a *Food Agriculture Organization – FAO* (2013), estes fatores impulsionaram o mercado internacional de carne bovina nos últimos anos, reforçando assim a importância dessa cadeia para o mercado mundial. Tendo em vista esse contexto, o presente trabalho tem como objetivo discutir a importância dessa cadeia, a partir de dados estatísticos, analisados em uma série histórica.

Fig.1 - Importação Mundial de Gado Vivo.



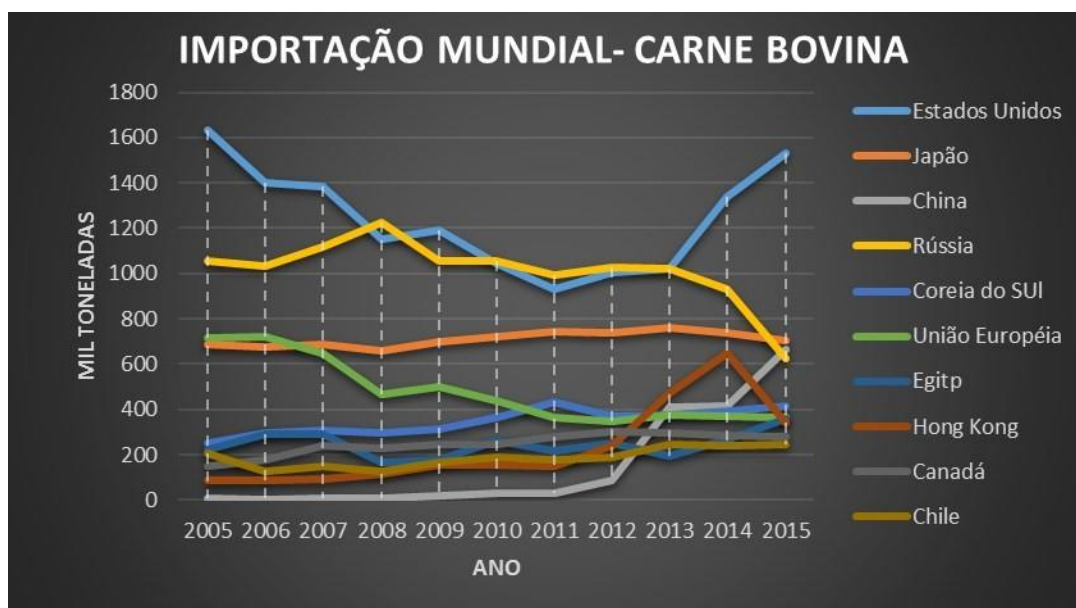
Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

Os Estados Unidos se destacam como os maiores importadores de gado vivo durante toda a série histórica de 10 anos, com destaque para o ano de 2007, em que importaram 2.495.000 cabeças, o maior valor acumulado de todo período (Figura 1).

O Brasil ficou com a 8ª posição entre os maiores importadores de gado vivo, sendo que no ano de 2008, atingiu seu maior valor com 70.000 cabeças.

Compõe ainda o ranking dos 10 maiores importadores mundiais: China, Egito, Rússia, Canadá, México, Japão, Ucrânia e Belarus.

Fig.2 - Importação Mundial de Carne bovina.



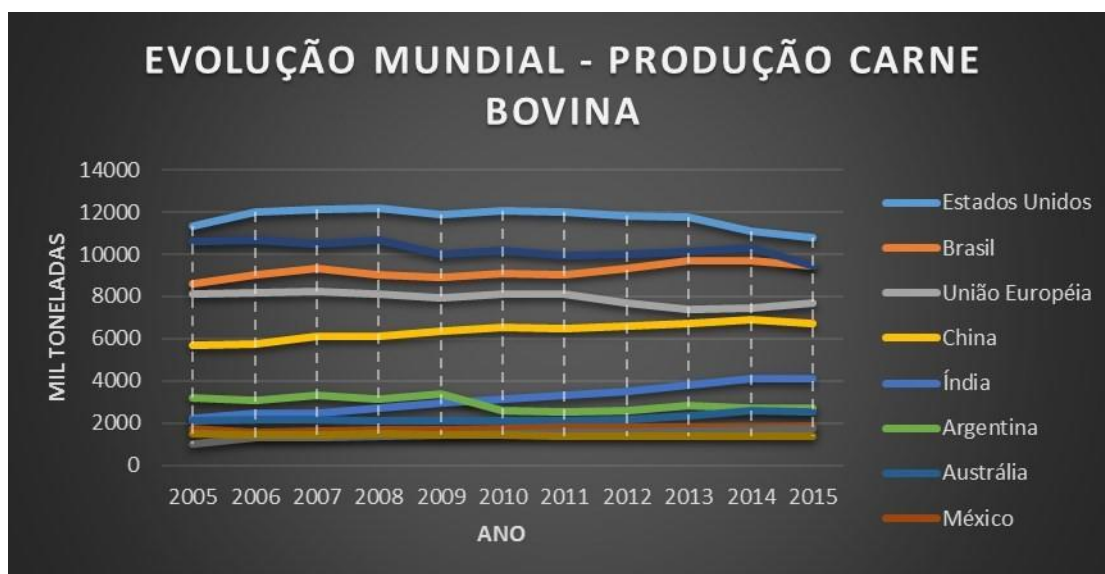
Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

Conforme a figura 2, estão entre os 10 países mais importadores: EUA, Rússia, Japão, China, Coreia do Sul, União Europeia, Egito, Hong Kong, Canadá e Chile.

Destacam-se entre esses, Estados Unidos e Rússia. No ano de 2005, os Estados Unidos tiveram sua maior taxa de importação com 1.632.000 kg de carne bovina, em equivalente peso de carcaça. Já a Rússia no ano de 2008, ultrapassou os EUA, importando 1.227.000 kg de carne bovina, sendo este seu maior resultado nesse período de 2005 a 2015.

O Brasil não aparece entre os 10 maiores importadores de carne bovina do mundo, porque é um país exportador.

Fig.3. Evolução mundial – Produção de carne bovina.

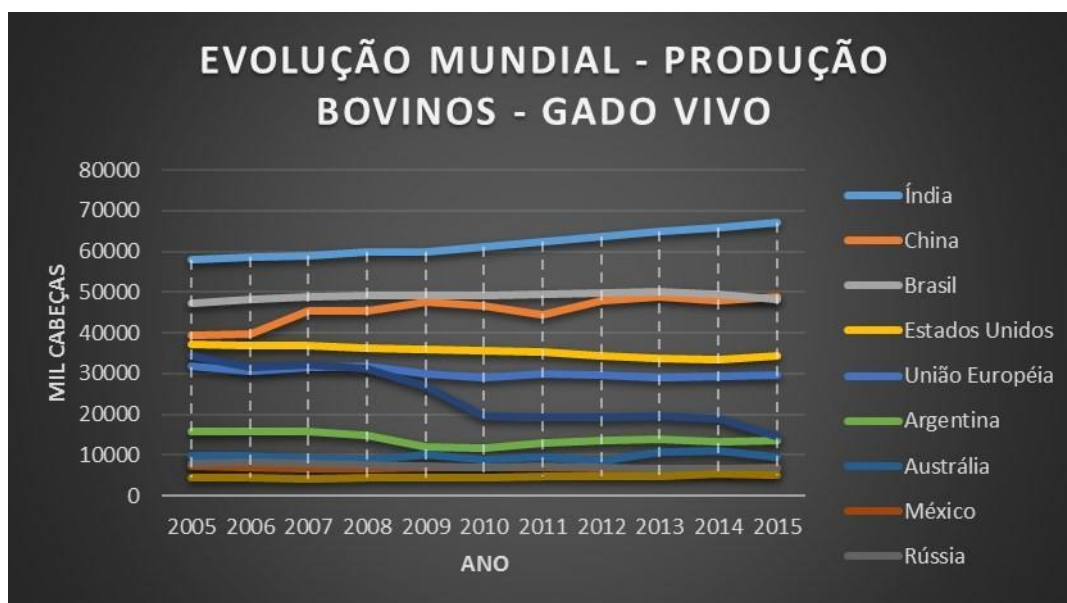


Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

A produção de carne bovina em termos mundiais como mostra a Fig. 3, no período de 2005 a 2015, teve como destaque os Estados Unidos que foi o maior produtor, obtendo a sua maior produção no ano de 2008 onde atingiu o valor de 12.163.000 kg, em equivalente peso de carcaça.

O Brasil aparece como o 2º maior produtor, obtendo o auge de sua produção, no ano de 2014 onde produziu 9.730.000 kg, em equivalente peso de carcaça. Estes dois países são seguidos pela União Europeia, China, Índia, Argentina, Austrália, México, Paquistão e Rússia, completando assim o ranking dos 10 maiores produtores de carne bovina do mundo.

Fig.4. Evolução mundial – Produção de gado vivo.

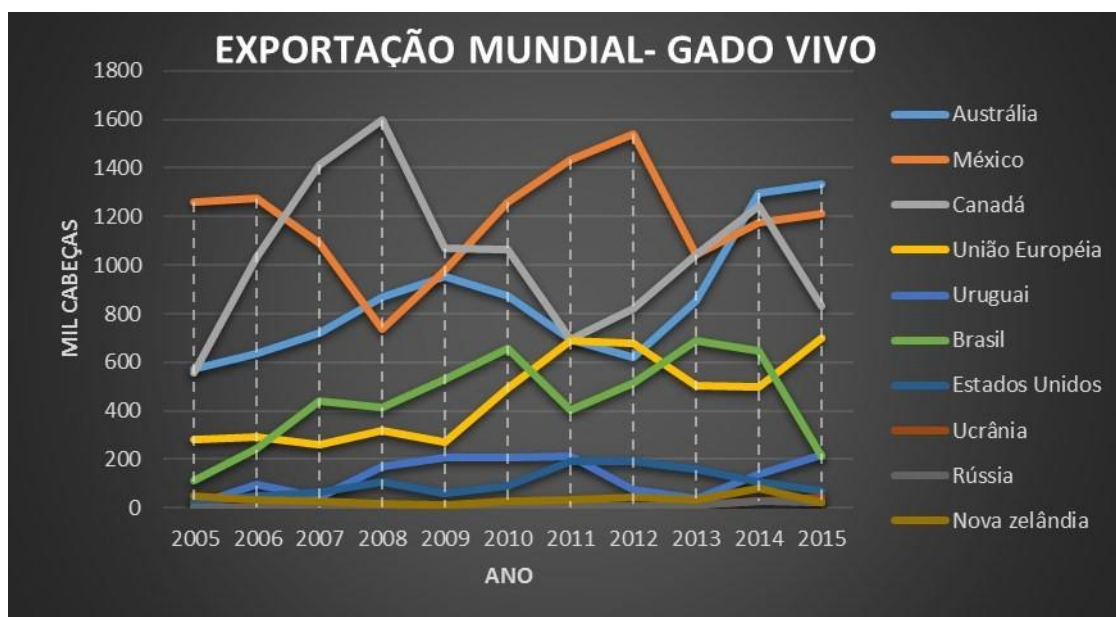


Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

A Índia se apresenta como o país de maior produção de gado vivo do mundo, conforme a Fig. 4, e esse crescimento é observado de forma linear, onde a cada ano o país conseguiu aumentar um pouco sua produção, chegando ao maior valor no ano de 2015 onde produziu cerca de 67.000.000 de cabeças de gado vivo.

No ano de 2015, a China assumiu o 2º lugar nesse ranking, chegando ao valor de 49.000.000 de cabeças gado, isso ocorreu, porque houve uma diminuição na produção no território brasileiro, pois conforme é observado no gráfico o Brasil ao longo dos anos foi dono dessa posição, obtendo valores de 49.690.000 de cabeças no ano de 2012. Segundo dados do site **BeefPoint** (2013), as quedas na produção de bovinos no Brasil, foram registradas nas regiões nordeste, sudeste, centro-oeste e sul. São apontados como principais motivos o avanço da produção de soja sobre a área de pastagem, a seca e também as atividades silviculturais.

Fig.5. Exportação mundial – Gado Vivo.



Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

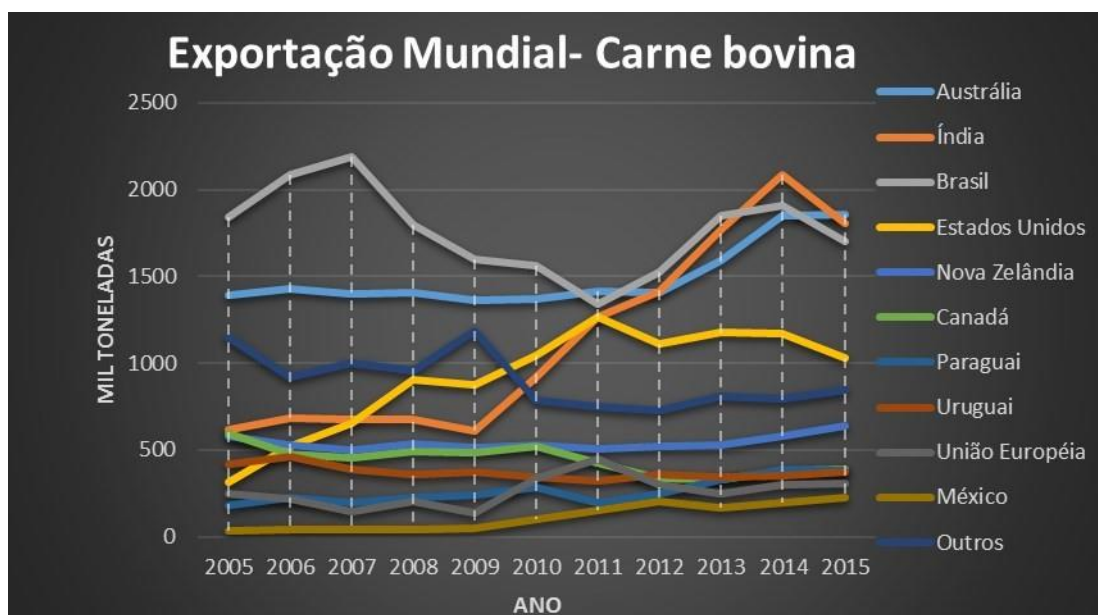
Entre os maiores exportadores mundiais de gado vivo desse período destacam-se: Canadá, México e Austrália, conforme a Fig. 5.

No ano de 2008, o Canadá exportou 1.598.000 cabeças de gado vivo, caracterizando esse, como o maior resultado da série histórica de 10 anos. Em 2012 o México se aproximou desse valor, exportando um total de 1.539.000 cabeças de gado.

O Brasil aparece em 6º no ranking mundial, ficando atrás dos seguintes países: Austrália, México, Canadá, União Europeia e Uruguai.

Além desses países já anteriormente citados, compõe ainda as 10 potencias exportadoras de gado vivo nesse período: Estados Unidos, Ucrânia, Rússia e Nova Zelândia.

Fig.6. Exportação mundial – Carne bovina.



Fonte: elaborado pelos autores (2018), baseado nos dados de USDA (2015).

De acordo com a Fig. 6, pode-se afirmar, em relação à exportação mundial de carne bovina, que há oscilações a cada ano, no ano de 2007, o Brasil era disparado o maior exportador de carne bovina chegando a 2.189.000 toneladas, já no ano de 2015 ocupa a terceira posição com 1.705.000 de toneladas em sua produção.

Uma das causas para a diminuição das exportações de carne bovina pelo Brasil de 2007 a 2011, foi o fato das exportações para a União Europeia (UE) despencarem 68%. Primeiramente, por causa de embargo do bloco à carne brasileira, e depois pela perda crescente de importância do bloco para os exportadores brasileiros.

Segundo Jean-Luc Meriaux ([s.d] *apud* MOREIRA; ROCHA, 2012, não paginado), secretário-geral da União Europeia do Comércio de Gado e Carne (UECBV, na sigla em francês). “A competitividade da carne brasileira caiu muito, por causa do câmbio, e os produtores do Brasil, no momento, estão mais interessados em seu próprio mercado interno.”

A Austrália no ano de 2015 liderou o ranking, onde sua produção chegou a 1.854.000 toneladas, e é seguida de perto pela Índia, que no ano de 2014 chegou a liderar o ranking com uma produção de 2.082.000 toneladas.

Compõe ainda os 10 maiores exportadores mundiais: Índia, Estados Unidos, Nova Zelândia, Canadá, Paraguai, Uruguai, União Europeia, e México.

MERCADO NACIONAL DA CARNE BOVINA

Aqui no Brasil a bovinocultura possui grande importância socioeconômica, pois movimenta a indústria e a distribuição de uma gama variada de insumos que é utilizado no segmento produtivo, os setores da cadeia da carne, incluindo produção, abate, transformação, transporte e comercialização de produtos e subprodutos fornecidos pela exploração do rebanho consegue movimentar um grande número de agentes e de estruturas desde a fazenda até a indústria e o comércio, garantindo renda e criando empregos em seus diversos segmentos.

A extensão territorial, as condições climáticas, os programas voltados para a sanidade animal e segurança do alimento posicionam o Brasil como um dos maiores produtores de carne bovina e com grande potencial para atender as exigências do mercado externo (AKABANE; LOPES; SILVA, 2010).

Segundo o MAPA (2015), a bovinocultura é uma das principais atividades do agronegócio brasileiro, cujo valor bruto da produção do segmento de corte foi superior a R\$ 73 bilhões.

Fig.7. Efetivo rebanho bovino - Grandes regiões.

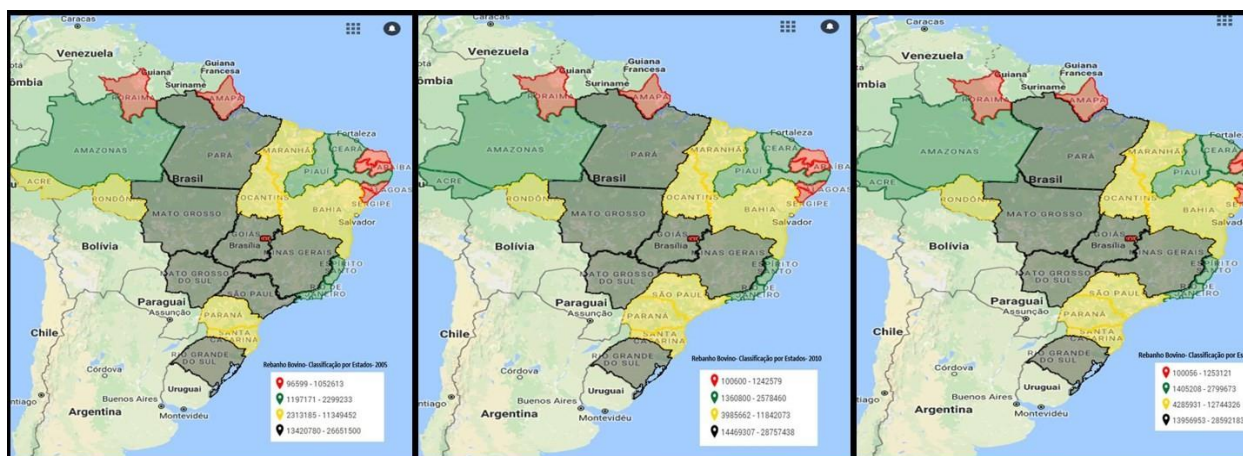


Fonte: IBGE (2014, não paginado)

A região centro-oeste, conforme a figura 7, destaca-se por possuir o maior rebanho bovino do Brasil, ela aparece isolada, como maior rebanho, com valores próximos a 70 milhões de cabeças. Esse valor permanece estável ao longo dos

anos.

Figura 8 - Efetivo rebanho por estados, anos 2005, 2010 e 2015, respectivamente



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

O Estado de Mato Grosso (Fig. 8) aparece como retentor do maior rebanho nessa região, com um aumento no mesmo, a partir de 2008. Atualmente, os estados de Goiás e Mato Grosso do sul aparecem, ambos, com resultados aproximados (valores que giram entre 20 e 23 milhões de cabeças, em seu rebanho). O Distrito Federal aparece com valores próximos ou inferiores a 100 mil cabeças, demonstrando pouca representatividade, em relação aos outros estados da grande região.

Com o segundo maior rebanho destaca-se a região norte, com destaque para o estado do Pará aparece como o maior da região. Na série histórica estudada, os estados com menores rebanhos são o Amapá, Amazonas, Roraima e Acre.

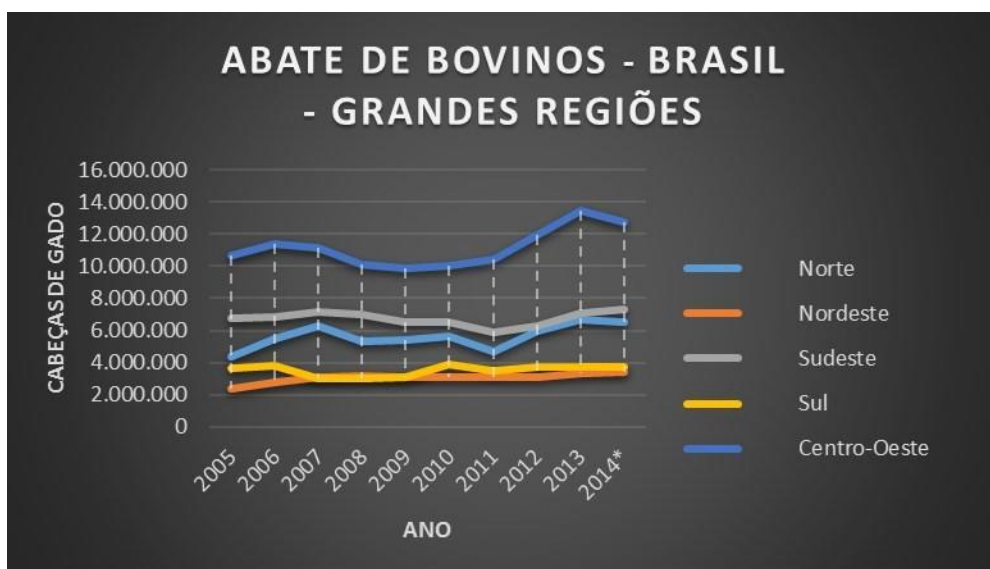
Na Região sudeste, Minas Gerais aparece gigante, com um rebanho entre 20 e 25 milhões, seguido por São Paulo, que gira entre os resultados de 10 e 15 milhões de cabeças. O Rio de Janeiro e Espírito Santo, em relação aos anteriormente citados, aparentam pouca representatividade, com um rebanho abaixo de 3 milhões de cabeças.

Na região Nordeste, a Bahia aparece hegemônica, com um rebanho acima de 10 milhões de cabeças, no decorrer dos anos. O 2º maior rebanho é advindo do Maranhão, girando acima de 6 milhões de cabeças de gado. Os outros estados aparecem com valores abaixo de 3 milhões de cabeças, em seu rebanho.

O Rio Grande do Sul é o Estado do Sul com maior rebanho, com uma média de 14 milhões de cabeças, historicamente representado no gráfico acima. O Paraná

vem logo após, com um rebanho que teve uma leve queda, no decorrer dos anos. Enquanto isso, Santa Catarina teve um leve aumento, a partir do ano de 2008, em seu rebanho bovino, com valores próximos a 4 milhões de cabeças.

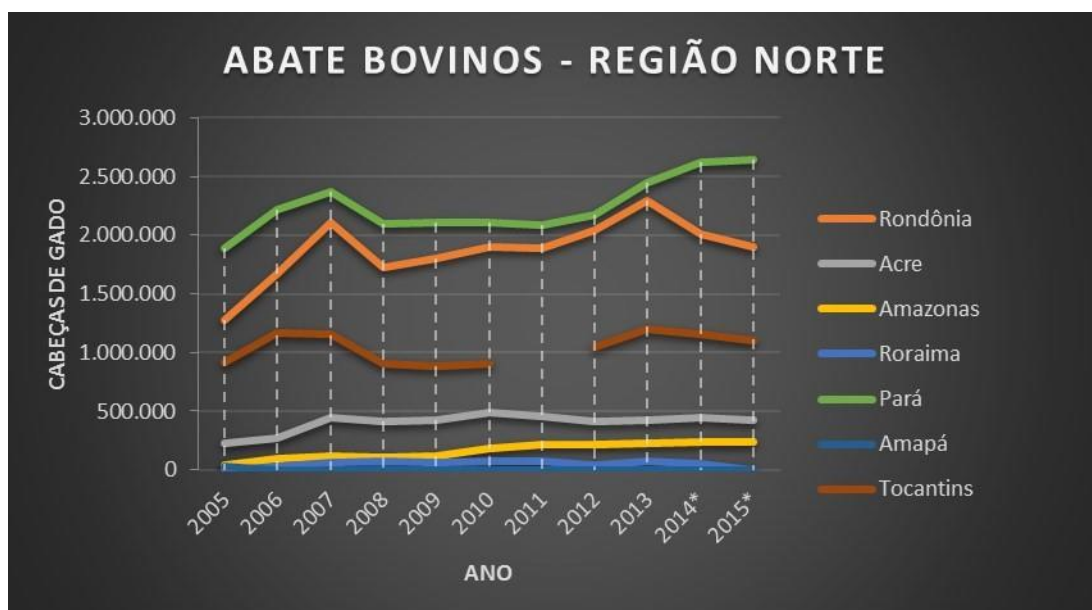
Fig.9. Abate de bovinos – Brasil - Grandes Regiões



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

O abate de bovinos (Fig. 9), no cenário brasileiro, tem como destaque a região centro-oeste, composta por Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Juntos, esses estados giram valores maiores que 10 milhões de cabeças abatidas, na série histórica registrada, tendo seu ápice em 2014, com valores próximos a 14 milhões de abates. As regiões norte e sudeste apresentam similaridade gráfica, no que se refere aos dados coletados entre 2005 e 2015. Seus valores registrados, em abates de cabeças de gado, variam entre 4 e 8 milhões, com destaque aos estados da região sudeste, que apresentam valores superiores aos da região norte. O sul e nordeste apresentam valores aparentemente abaixo da média nacional, nesse quesito, o que varia entre 2 e 4 milhões.

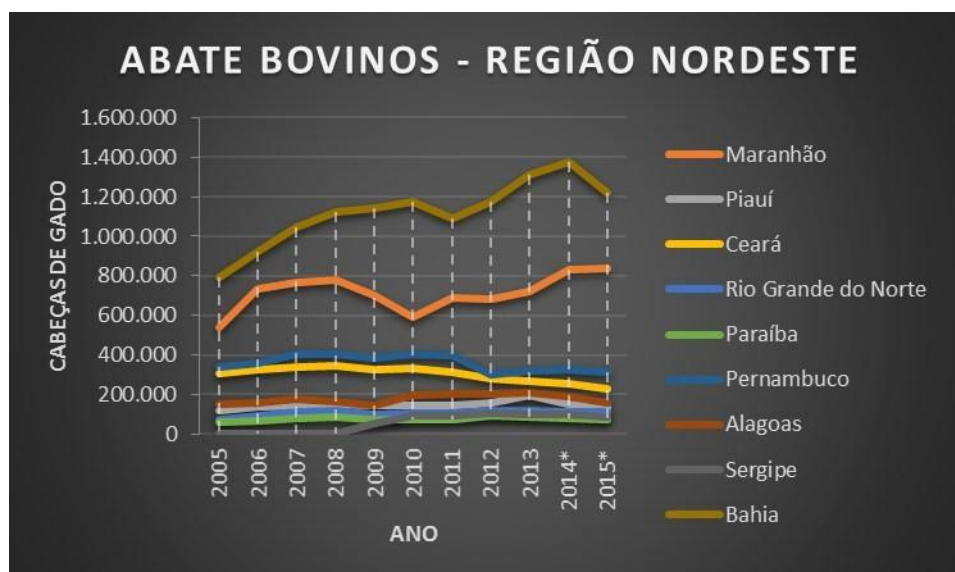
Fig.10. Abate de bovinos – Brasil – Região Norte.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

O abate na Região Norte (Figura 10), teve como destaque o Estado do Pará, com valores acima de 1,5 milhão de cabeças de gado. O ano de 2015 aparece como o ano que o Estado mais abateu, ultrapassando a marca de mais de 2.600.000 cabeças abatidas. O Estado de Rondônia aparece logo após, com uma produção, a partir de 2006, também superior a 1,5 milhão (Tendo sua maior produção registrada em 2013, com valores em torno de 2,2 milhões de abates). Os Estados que menos produziram resultados, no período, foram Amapá (Com valores computados apenas nos anos de 2005 e 2008), Roraima e Acre, com índices inferiores a 500 mil cabeças. O Estado de Tocantins obteve uma média de resultados entre 800 mil e 1,1 milhão, com dados de 2011 não constando no registro feito pelo IBGE.

Fig.11. Abate de bovinos – Brasil – Região Nordeste.

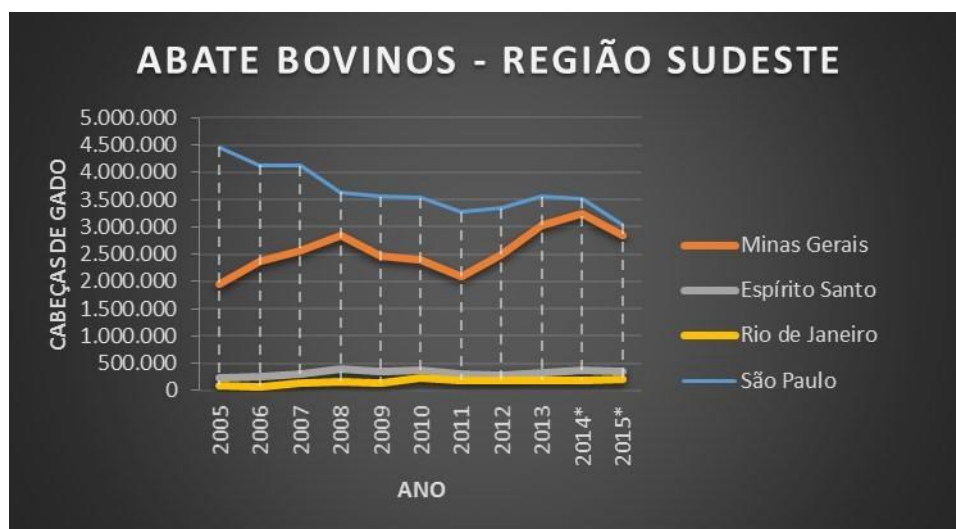


Fonte: IBGE (2014, não paginado)

Na região Nordeste, conforme a figura 11, o maior produtor, entre os estados, é a Bahia. Com índices maiores que 800 mil cabeças de gado abatidos, chega a uma máxima de quase 1,4 milhões, no ano de 2014. Junto com o Maranhão (os dois maiores abatedores), apresentam números maiores do que a soma do restante dos estados da grande região no decorrer dos anos.

O Estado de Sergipe apresenta valores iguais a 0 (Zero) entre 2005 e 2008. Mesmo com a falta dessas informações, o registro dos anos que seguem, mostram que os índices apresentados pelo estado não ultrapassam valores de 102 mil cabeças abatidas.

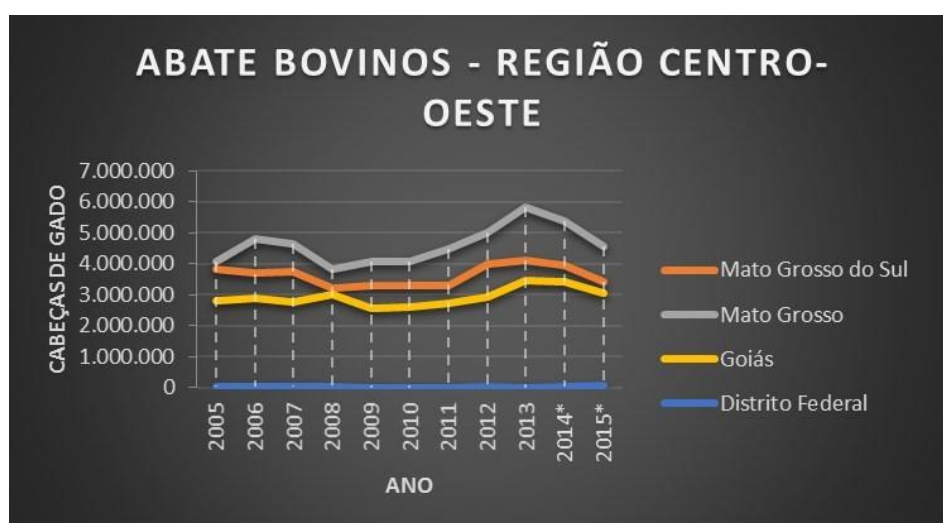
Fig.12. Abate de bovinos – Brasil – Região Sudeste.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

Na região sudeste, conforme a figura 12, o Estado de São Paulo aparece hegemônico, em questão de animais abatidos, entre os anos estudados. Seus índices diminuíram mais de meio milhão de abates (de mais de 4.5 milhões para pouco mais de 3 milhões), entre 2005 e 2014, fazendo com que Minas Gerais alcançasse uma certa paridade, nesse quesito, no ano de 2015 (com uma diferença de menos de 300 mil cabeças abatidas, no último ano registrado). Ambos os estados, juntos, são responsáveis pela maioria dos abates na região. Os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo apresentam pouca representatividade, com índices abaixo de 500 mil abates.

Fig.13. Abate de bovinos – Brasil – Região Centro-Oeste.



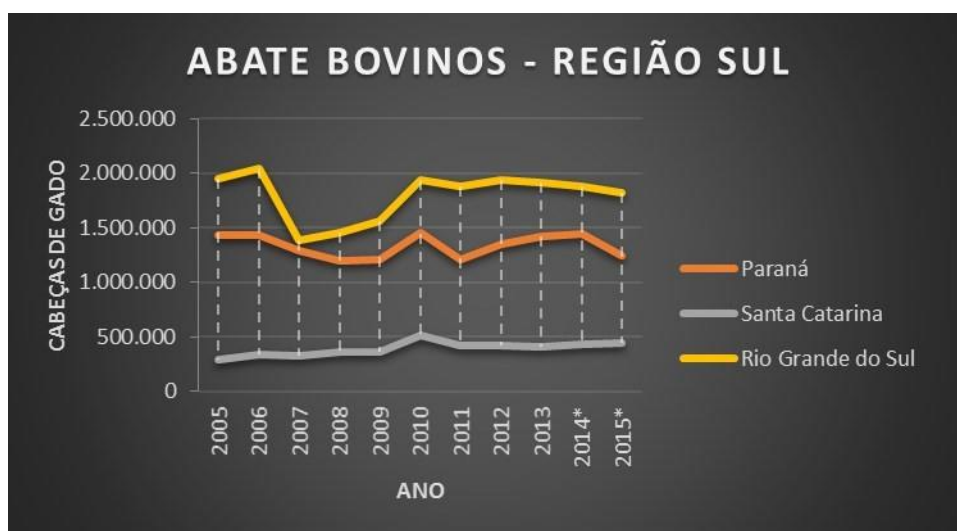
Fonte: IBGE (2014, não paginado)

A região Centro-Oeste (Fig. 13), aparece com índices semelhantes entre si. A única disparidade aparece no estado do Distrito Federal com índices abaixo de 50 mil abates, além da falta de registro em 2010, 2011 e 2013.

Os valores variam entre 2,5 milhões e aproximadamente 6 milhões, no decorrer dos anos. O principal abatedor é o estado de Mato Grosso, com índices próximo ou acima de 4 milhões de abates (destaca-se o ano de 2013, com mais de 5,8 milhões de abates), seguido pelo Mato Grosso do Sul (de 3 a 4 milhões de abates) e Goiás (de 2 a 3,5 milhões de abates).

Destaque para a queda de todos os valores registrados no ano de 2015.

Fig.14. Abate de bovinos – Brasil – Região Sul.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

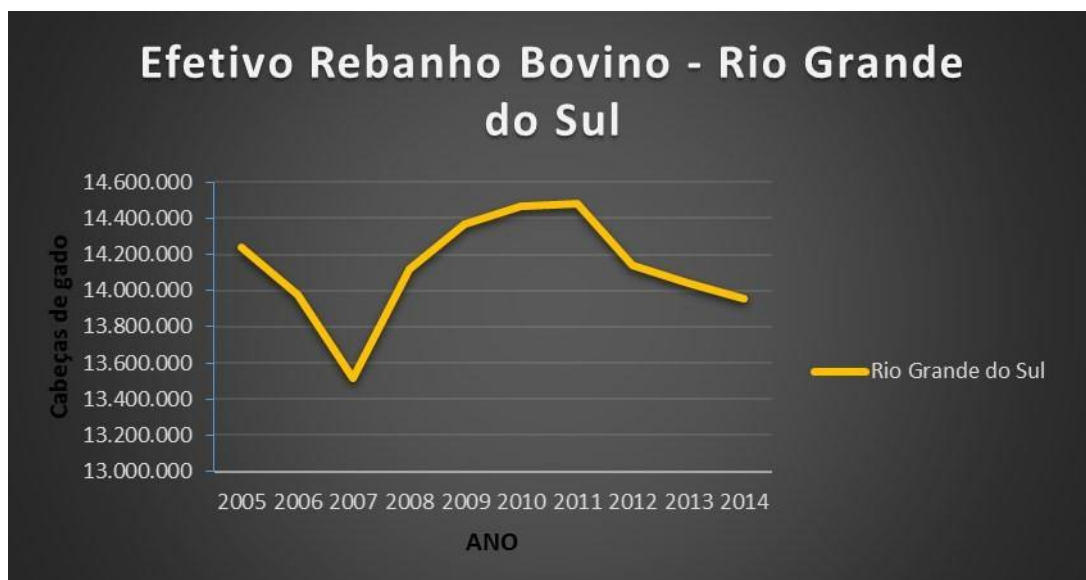
Dos estados do Sul (Fig. 14), o que apresenta menores índices é Santa Catarina. Os índices do Paraná (PR) e Rio Grande do Sul (RS) apresentam valores semelhantes, em questão de variação. O RS apresenta uma queda considerável no registro histórico no ano de 2007 com valores abaixo de 1,5 milhões de abates. Nos outros anos estudados, os índices ficaram acima desse valor com uma máxima de mais de 2 milhões de abates registrado no ano de 2006. O estado do Paraná mantém uma média que gira entre 1 e 1,5 milhão de abates.

O PAPEL DO RIO GRANDE DO SUL NA CADEIA DA CARNE BOVINA

A história do Rio Grande do Sul, praticamente, confunde-se com a criação do gado de corte no estado. A pecuária, que já foi a principal atividade econômica do estado, vive hoje uma situação difícil, ou seja, baixa remuneração da bovinocultura e concorrência com outros estados, como o Mato Grosso.

Diante destas dificuldades, os produtores de gado de corte do Rio Grande do Sul vêm procurando alternativas para recuperar novamente seu espaço no cenário nacional. Uma das alternativas encontradas foi a exportação de carne para países que outros estados brasileiros não conseguem exportar em virtude da sanidade animal do rebanho gaúcho.

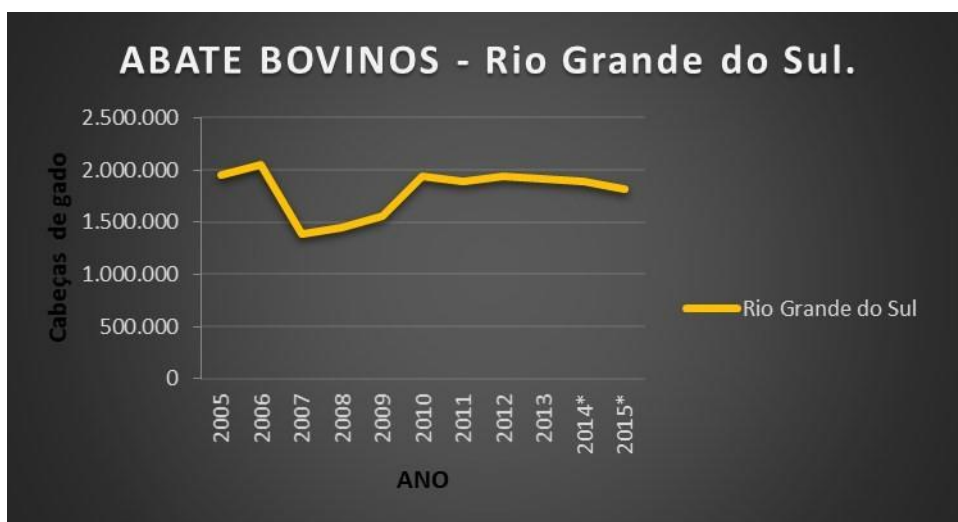
Figura 15- Efetivo rebanho- Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

O Rio Grande do Sul, destaca-se por possuir o maior efetivo rebanho da região sul, com valores chegando a 14.478.312 cabeças de gado (Figura 15), no ano de 2011. O ano de 2007, registra o menor rebanho na série histórica descrita com valores chegando a 13.516.426, cabeças de gado.

Figura 16- Abate de bovinos- Rio Grande do Sul.



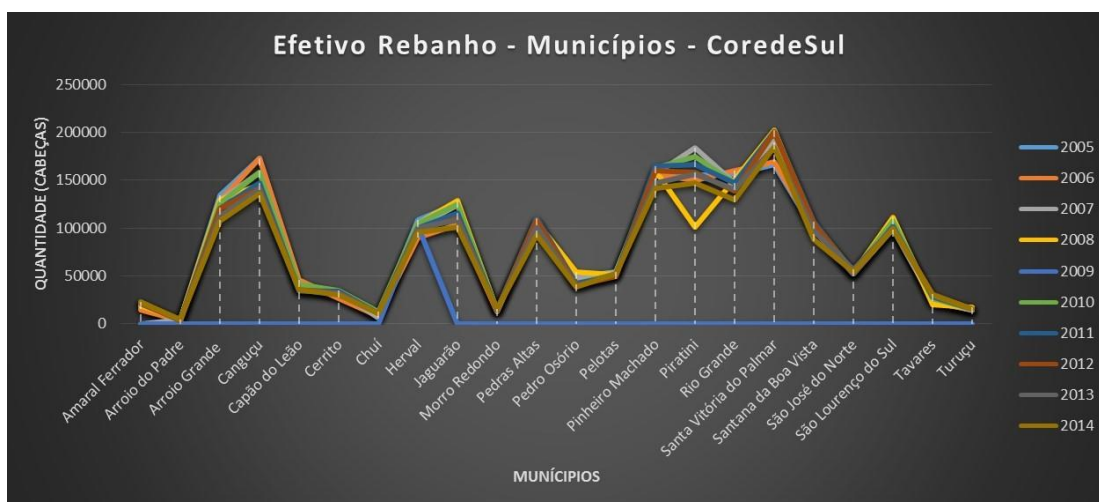
Fonte: IBGE (2014, não paginado)

Com relação ao abate de bovinos, o Rio Grande do Sul se destaca, também, como o estado que mais abate, chegando a valores como 2.046.792 cabeças de gado (Fig. 16), no ano de 2006. O ano em que se obteve o menor número de abates na série histórica foi 2007, com 1.386.977 bovinos abatidos.

Atualmente, o Rio Grande do Sul é o único Estado brasileiro que possui Coredes. Os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) estão espalhados estrategicamente em nove regiões funcionais, de acordo com a Secretaria de Coordenação e Planejamento do Estado do Rio Grande do Sul.

Os Coredes auxiliam o fortalecimento do produtor, dentro da sua região e principalmente no Estado, e possuem como objetivos. a) a promoção do desenvolvimento regional harmônico e sustentável; b) a integração dos recursos e das ações do governo na região; c) a melhoria da qualidade de vida da população; d) a distribuição equitativa da riqueza produzida; e) o estímulo à permanência do homem em sua região; f) a preservação e recuperação do meio ambiente. (**COLLE; HOECKEL; ALVIM; FORCHEZATTO, 2016**). Nesse trabalho, serão, a seguir, descritos dados do Corede-Sul, que é formado pelas seguintes cidades: Canguçu, Pelotas, Santa Vitória do Palmar, Piratini, Morro Redondo, Santana da Boa Vista, Pinheiro Machado, Pedras Altas, Herval, Jaguarão, Arroio Grande, Pedro Osório, Cerrito, Capão do Leão, Rio Grande, Arroio do Padre, Turuçu, São Lourenço do Sul, Tavares, São José do Norte, Chuí, Amaral Ferrador. (SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, GOVERNO E GESTÃO, [200?])

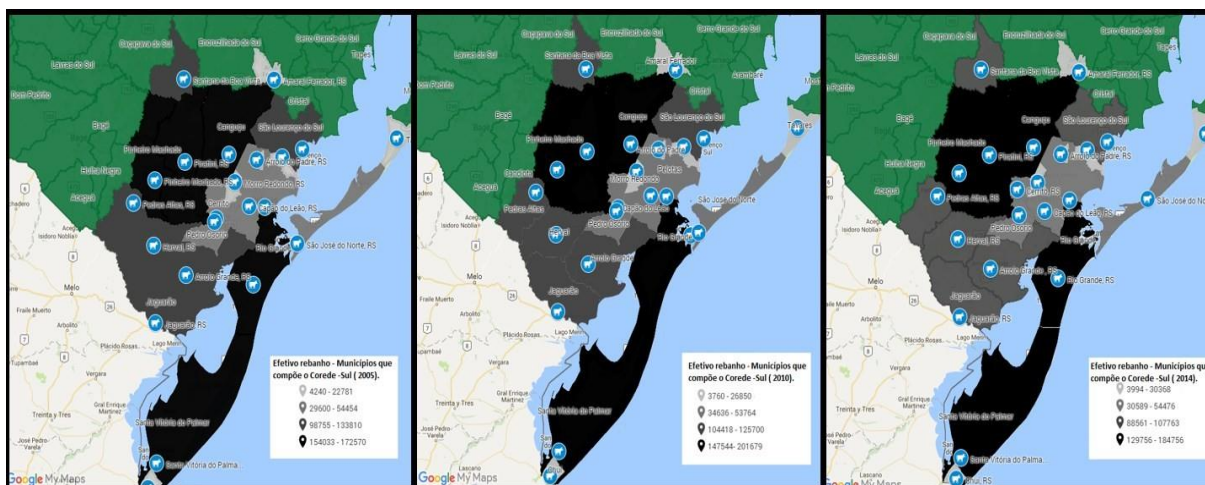
Fig.17. Efetivo Rebanho- Municípios do Corede-Sul.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

O efetivo do rebanho dos municípios do COREDE-SUL aparenta desigualdades, de acordo com os números dos municípios, na série histórica estudada, entre 2005 e 2014. Os maiores rebanhos, dessa região, aparecem como sendo respectivamente, conforme a figura 18, os municípios de:

Figura 18- Efetivo rebanho- Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE (2014, não paginado)

Canguçu, com destaque ao anos de 2005, com índices identificando mais de 170 mil cabeças e em 2014 com o menor índice, pouco mais de 135 mil cabeças.

Em Santa Vitória do Palmar, o rebanho apresenta números crescentes, nos 3 primeiros anos estudados, atingindo posteriormente, uma quantidade maior que 200 mil cabeças (entre 2008 e 2012), tendo uma queda, por conseguinte, de mais de 15 mil cabeças nos anos de 2013 e 2014.

Em Piratini, manteve-se um rebanho maior que 150 mil cabeças, com exceção do ano de 2008, no qual obteve valores muito próximos às 100 mil cabeças. Em 2007 a cidade obteve sua maior concentração de rebanho, superando as 180 mil cabeças.

REFERÊNCIAS

AKABANE, Getulio Kazue; LOPES, Camila Papa; SILVA, Fabricio Pereira da. O sistema de rastreabilidade para a sustentabilidade no agronegócio brasileiro. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 80-94, jan. 2011. Disponível em: <<http://faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/170/137>>. Acesso em: 19 mar. 2017. doi:<https://doi.org/10.6034/170>.

BEEFPOINT. **Rebanho bovino diminui em diversas regiões do país, confira dados da pesquisa da Produção Pecuária Municipal [IBGE]**. 2013. Disponível em: <<http://www.beefpoint.com.br/rebanho-bovino-diminui-em-diversas-regioes-do-pais-confira-dados-da-pesquisa-da-producao-pecuaria-municipal-ibge/>>. Acesso em: 03/03/2017.

COLLE, Célio Alberto; HOECKEL, Paulo Henrique de Oliveira; ALVIM, Augusto Mussi; FOCHEZATTO, Adelar. Reflexões sobre o desenvolvimento endógeno e as interfaces com o rural nos coredes metropolitano do Delta do Jacuí e fronteira oeste do RS. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 8., 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, FEE, 2016. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/8/23_CELIO-ALBERTO-COLLE.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **The state of food Insecurity in the world: the multiple dimensions of food security**. 2013. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/018/i3458e/i3458e.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção da pecuária municipal**. 2014. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=series-historicas>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Valor bruto da produção da agropecuária bate recorde**. 2015. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/noticias/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-bate-recorde-em-2015>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

MOREIRA, Assis; ROCHA, Alda do Amaral. **Um mercado menos importante para o Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/impreso/agronegocios/um-mercado-menos-importante-para-o-brasil>>. Acesso em: 20 maio 2017.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, GOVERNO E GESTÃO. **COREDES**. [200?]. Disponível em: <http://planejamento.rs.gov.br/coredes>. Acesso em: 15/03/2017.

USDA - United States Department of Agriculture. **Dados estatísticos**. 2015. Disponível em: <<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>>. Acesso em 20/11/2016.